

Marcílio prevê briga forte com credores

BRASÍLIA — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, previu ontem uma "briga muito forte" com os bancos credores na renegociação da dívida externa. E anunciou que o País vai querer dinheiro novo do exterior, para retomar o crescimento econômico.

Marcílio fez essas declarações durante uma conversa com os jornalistas credenciados no Ministério, para os cumprimentos de final do ano. Ao fazer uma avaliação de 1991, Marcílio considerou como fato econômico mais importante o "início da reconstrução do crédito público". E apostou que 1992 será marcado pela queda da inflação, como pré-condição para a retomada dos investimentos, do crescimento da economia e da correção das injustiças sociais.

Marcílio negou que haja impasse nas conversas preliminares com os bancos credores, mas admitiu que "eles já estão reclamando". O principal ponto de desacordo é a exigência de garantias para os títulos da dívida brasileira. O ministro previu que a renegociação trará dinheiro novo substancial, "mas não das mesmas fontes", ou seja, não como empréstimos bancários.

O dinheiro novo virá, espera o ministro, pela via do mercado de capitais. Ele confirmou que o Governo estuda alterações na lei de privatização, para atrair mais capital externo. O limite de participação de 40% no capital das

estatais permanecerá, mas haverá uma redução do prazo exigido para a permanência no País do capital externo.

Normalmente circunspecto, Marcílio chegou a fazer uma piada. Ao se referir à influência do preço dos cigarros sobre o custo de vida, o ministro corrigiu-se:

— Deveria ser sobre o custo de morte.

Marcílio estava bem à vontade e não se recusou a responder às provocações dos jornalistas, que procuravam compará-lo com sua antecessora, Zélia Cardoso de Mello. Uma repórter quis saber se ele gostava do pão de Brasília, que Zélia dizia detestar. Marcílio elogiou o pão-de-queijo e o cappuccino (café com chocolate, creme chantilly e canela) do Conjunto Nacional — um shopping no centro da cidade, onde o ministro consegue passear incógnito e comprar CDs de chorinho.

Marcílio não negou que o próximo ano continuará a exigir sacrifícios, mas disse que isso é preferível à hiperinflação ou à estagnação (inflação com estagnação econômica). O ministro descartou a necessidade de um pacto social formal com trabalhadores e empresários, para sustentar a política econômica. E disse que os reajustes de tarifas públicas diminuirão de intensidade em 1992. Será preciso, porém, continuar com a recomposição real dos preços de combustíveis e das tarifas de energia elétrica.

Foto de Ricardo Stuckert



Marcílio: 92 exigirá sacrifícios, mas isto é melhor do que a hiperinflação